

26 de julho de 2022 nº 4

Tatuí, SP

jornal

BULI

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





Sumário

- No frescor da hora **3** **Brechas entre passado e futuro**
Tadeu Renato
- Fermentação natural **6** **Apreciação do espetáculo**
Conto de lara
Companhia Adequada de Teatro
- 8** **Apreciação do espetáculo**
Me contento em ser poesia
Cia Paralenda
- 10** **Um Reality Teatral**
Metalinguístico
Eu não posso morrer
- 12** **Apreciação do espetáculo**
Eu não posso morrer
Coletivo Rubra
- Crônica do dia seguinte **16** **MACHADO na cabeça**
o feitiço DE ASSIS
Murilo Henrique Delesposti
- 19** **Dia-ressaca-pós-apresentação**
Giovanna Ueda Morales
e Larissa Garcia Alves

Ainda reverbera

20 episódios de poesia
no 27º FETESP
Ana Laura Alvarez

22 Jogando a rede para tentar
pescar o que ignoro: quem
se associa a essa aventura?
Judson Cabral

Expediente

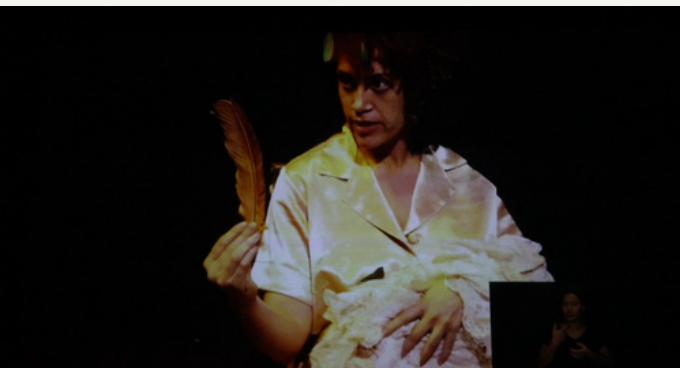
24

no frescor da hora

Brechas entre passado e futuro

Tadeu Renato

*apreciação do da peça-filme O Bruxo do Cosme Velho a partir do
painel conduzido
pelo VQV - Lígia Helena de Almeida e Paulo Gircys*



Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje.

Oriki de Exu

O isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19 pegou muitos artistas em meio aos seus processos criativos, exigindo reflexão e prática sobre outras possibilidades de seguir fazendo teatro. Se não pode haver encontros, como ensaiar, como apresentar? Neste contexto muitos grupos realizaram experiências de transmissão de suas peças por meio da internet, gerando discussão e frustrações: ainda é teatro se não existe relação corpo-a-corpo com o público? Assistir uma peça filmada não coloca o trabalho em um limbo de não pertencer nem ao teatro, nem ao audiovisual?

no frescor da hora

Foi nesse momento histórico que se deu a criação de *O Bruxo do Cosme Velho*, primeira peça-filme apresentada no 27º FETESP. O trabalho foi a conclusão de formação do Coletivo F22 da Escola Livre de Teatro de Santo André e teve sua estreia no início deste ano. O título é uma alusão ao autor que dá base ao processo: Machado de Assis, morador do bairro Cosme Velho, no Rio de Janeiro. O grupo já vinha pesquisando o autor desde a peça anterior, *Casa Verde*, realizada a partir da novela *O Alienista*. Em *O Bruxo do Cosme Velho* não há somente um determinado texto do autor carioca, mas sua vida-obra: desde o início somos convidadas(dos) a adentrar a cabeça do menino negro e pobre, com graves problemas de saúde, e que se tornou um dos maiores escritores do país. A peça-filme não faz um registro cronológico, antes nos dá a ver fragmentos que se friccionam entre dados biográficos, trechos de livros e o território onde está inserida a ELT. Produzida em parceria com estudantes da Escola Livre de Cinema e Vídeo, também de Santo André, a peça-filme apresenta engenho no uso da linguagem audiovisual, propondo enquadramentos diversificados e efeitos que acrescentam significado às cenas. No entanto, essa inventividade fica aquém do que poderia ser, talvez por certa relutância em manter maior proximidade com a “teatralidade”. Boa parte das cenas é registrada com uma câmera fixa, o que dá certo ruído no ritmo da peça. Pesquisar mais possibilidades de movimentação (uma vez que a câmera faz a vez do olhar do espectador) daria outra fluência e mais tridimensionalidade, aproximando-se da experiência que temos ao vermos os corpos presencialmente. E há ainda algumas questões – como a captação/edição de áudio e a escolha de determinadas luzes – que em alguns momentos abafam os efeitos que a narrativa desejava transparecer. No entanto, essas são questões técnicas as quais a maioria de nós, que trabalhamos com teatro, não dominamos. A apropriação delas é ainda um aprendizado que pode dar impulso para uma linguagem-outra, outro tipo de expressão que proponha novas percepções estéticas para nosso tempo.

no frescor da hora

É de tempo que a peça-filme trata. É a encruzilha entre Exu e Machado que assistimos, as qualidades do orixá surgidas nos saltos espaço-temporais que remetem tanto a uma epistemologia que significa o mundo de maneira diversa dos ocidentais; mas é também um recurso muito usado por Machado, principalmente em Memórias Póstumas de Brás Cubas: os cortes secos, os comentários, a conversa direta com o leitor/espectador. A forma do romance ecoa na peça-filme. Machado é Exu ao abrir caminhos para escritoras(es) negras(os) do Brasil se valerem da literatura como instrumento de comunicação. É Exu quem devora os livros do autor, para vomitar em novidades. Esse devorar poderia ser ainda mais mastigado em investigações do grupo: a mesma fragmentação que reverbera inventividade deixa pontas soltas e não soam propositais: começa com o uso de sobreposição de imagens (recurso que poderia ser mais usado, ressaltando a encruzilhada); passa por narrações de tons, por vezes, trágicos; e se perde na tentativa de realismo, que poderiam ser trocados por maiores arrojados de cenas.

O maior destaque do trabalho está em colocar em evidência aquilo que por anos foi mascarado: a negritude do fundador da Academia Brasileira de Letras. A peça-filme o faz sem que precise discursar sobre: a negritude está nos corpos, está na música, está nos elementos de cena, na temporalidade espiralar. Um trabalho que retoma o passado (tanto do escritor como o da ELT), mastiga a história e prenuncia quem podemos ser.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*

Apreciação do espetáculo Conto de lara

Por Companhia Adequada de Teatro:
Felipe Vieira Souza, Giovanna Ueda e Larissa Garcia

No espetáculo *O conto de lara*, da Cia Paralenda, duas contadoras de história apresentam o universo amazonense através de elementos como instrumentos musicais, canções, danças e aspectos da cultura popular, que desembocam na história da sereia lara, importante figura da mitologia nacional.

Primeiramente, vale a pena ressaltar que a estrutura do espetáculo *O conto de lara* é direcionada ao público infantil, que não teve a possibilidade de partilhar suas impressões coletivamente. Dito isso, os pontos analisados neste texto partem de visões parciais sobre o material.

Durante o “Painel de intercâmbio” do 27º FETESP, foram apontadas percepções que envolveram aspectos relacionados à dinâmica da dupla, que se apresenta como duas contadoras de história e estabelecem um jogo de palhaçaria na estrutura similar às figuras dos palhaços “Branco” e “Augusto”. Esse jogo, apresentado no início da peça, poderia ser melhor explorado ao longo do material como uma aposta de linguagem, tornando possível uma expansão da comunicação com o público ao qual é destinado. Foi observada, na conversa, a relação entre didática e contação ao longo da narrativa, que poderia ser equilibrada com a presença dessas figuras, já que, tradicionalmente, o palhaço “Augusto” provoca a necessidade de explicação por parte do “Branco”.

fermentação natural

A dinamicidade proposta pelas atrizes, como apontado por Dagliane Natiele - uma das integrantes do grupo - é importante para dar conta da faixa etária a que a peça se destina. Ainda assim, coloca-se como um ponto de atenção a expressão corporal das contadoras, que pode se expandir para abarcar os ambientes em que o espetáculo é realizado, de forma que não seja comprometida pelo ritmo. Atenta-se para o desenvolvimento da noção de corpos que acompanham a história a ser contada.

Torna-se necessário, ainda, uma escolha mais cuidadosa acerca dos elementos cênicos, os signos que eles abarcam e o universo em que estão inseridos. Um exemplo seria o uso dos casacos, que remetem a uma estética que parte de uma visão estrangeira sobre o território brasileiro. A escolha da música “Peixinhos do mar” para compor a trilha sonora está deslocada do território amazonense, o que pode contribuir para a construção de imaginários que não correspondem à realidade. Por outro lado, a mala, signo que aparece no início do espetáculo, poderia ser melhor utilizada, uma vez que carrega signos universais, como a aventura, a viagem, a descoberta, o conhecimento, trajetória... Esse elemento poderia revelar, por exemplo, o cenário, os figurinos e todos os objetos cênicos das atrizes.

Por fim, valoriza-se a escolha do grupo de se direcionar ao público infantil, difundindo a mitologia nacional por meio de uma arte tão democrática como a contação de histórias.

fermentação natural

Apreciação do espetáculo

Me contento em ser poesia

*Por Cia Paralenda:
Dagliane Natiele, Thaís Morais, Lais Efstathiadis.*

Me contento em ser poesia, apresentada pelo coletivo Rubra, no dia 24/07 no 27º FETESP, trouxe poesia à tarde deste dia. A partir de relatos pessoais, o coletivo levou o público a vivenciar outros territórios, tanto imagéticos quanto sensoriais.

As atrizes Mileny Vitória e Ana Laura Alvarez, se contentam em trazer um espetáculo poético e potente ao festival!

Sobre qual chão estamos pisando?

A proposta do Coletivo Rubra enfatiza em sua dramaturgia o local onde vivem: “atravessar e afetar o outro a partir de suas raízes”. Neste aspecto, houve por parte da audiência a sugestão de que a peça seja apresentada em um espaço onde as atrizes estejam mais próximas (talvez em formato arena) para que tanto a palavra quanto o território possam estar mais presentes no todo. Dessa forma, pode o público se aproximar mais do território de pertencimento do Coletivo.

No decorrer da peça as atrizes têm apropriação e domínio das palavras, que se integram tanto na forma oral, como também no corpo e no olhar. Porém, fazem-se necessárias nuances de interpretação na voz.

fermentação natural

A luz e a sonoplastia criam um ambiente leve e lúdico, que complementam de forma poética a própria proposta de linguagem da peça, conduzindo o público a um espaço que faz sonhar. Vale destacar que a referência deste imaginário perpassa pela imagem da vista de uma janela cheia de morros. O coletivo Rubra então questiona: "o que existe, tanto dentro quanto para além deles?" E isso se relaciona diretamente com o início da obra, que apresenta a dualidade entre sair e ficar.

Pensando nessa dualidade, faz-se necessário que a dramaturgia tenha maior ritmo e entrelaçamento em suas trocas poéticas. Enquanto os movimentos corporais são bem executados (e poderiam ser ainda mais, uma vez que a poesia já está presente nas ações), a palavra falada poderia dar um maior espaço para esse momento tão belo. Um exemplo disso se presentifica na cena final, quando o entrelaçar - entre palavra e corpo - não se dá apenas de forma técnica, mas também na sensação de identificação que ela, a palavra, provoca, gera no corpo das atrizes.

Que o coletivo Rubra possa cada vez mais poetizar, atravessar e afetar o outro a partir de suas raízes.

fermentação natural

Um Reality Teatral Metalinguístico

Apreciação do espetáculo
[uhltimo.epizohdio]

Por integrantes do espetáculo

Eu não posso morrer:

Amanda Macedo, Ericky Quadros, Guilherme Almeida, Leila Amâncio, Lucas Moraes, Rafael Costa, Rodrigo De França, Rosemeire Rodrigues, Thawanny Lopes, Vitória Leitão e Jackson Gleizer

O [uhltimo.epizohdio], da Companhia Adequada de Teatro/UNICAMP de Santa Bárbara d'Oeste, capta a atenção do espectador de maneira imediata desde a leitura e estranhamento da sinopse, que é escrita baseada em uma ortografia alternativa. Quando começa o espetáculo, somos apresentados à personagem Ator, que explica de maneira formal o que assistiremos daqui para frente. Ele cria a expectativa de uma narrativa fabular e, ao mesmo tempo, desestrutura a nossa relação de “público passivo”, impondo questionamentos técnicos, como: “Vocês estão me ouvindo? O som está baixo?”. Isso evidencia a preocupação perante o entendimento do público sobre o conteúdo do texto que estava sendo encenado - fato que torna a ocorrer no fim do espetáculo, com repetição de uma das cenas.

Com a abertura das cortinas é possível visualizar uma plataforma em declínio, refletores de luz, microfones, fios, luz de led e fumaça. A estrutura geométrica, a luz e o som postas no palco nos transportam a um futuro distópico. O espetáculo é inspirado na obra *Dez centímetros acima do chão*, de Flavio Cafiero, que reflete sobre os acontecimentos e problemáticas sociais vividas no século XXI. Nela, um herói é colocado dentro de um reality show no ano de 2132.

fermentação natural

O espetáculo se serve do formato de reality show, contudo, a operação metateatral posta em prática pode ser aprofundada, auxiliando o coletivo na pesquisa sobre como aproximar o público da “trajetória do herói”. Assim como os realities já fazem em seus conteúdos, essa operação poderia evidenciar o trabalho da personagem Ator em representar este show, uma vez que é o único participante desse programa.

fermentação natural

Apreciação do espetáculo *Eu não posso morrer*

*Por Coletivo Rubra:
Mileny Vitória, Ana Laura Alvarez e Felipe Castelani*

De um palco repleto de papelão emerge um coro de vivências que querem ser ouvidas. Da estrutura de caixinhas de papel, empilhadas desorientadamente umas sobre as outras, a realidade periférica se monta no palco do Teatro Procópio Ferreira na cidade de Tatuí.

É de modo tipicamente brechtiano que *Eu não posso morrer*, livremente inspirado em *Os fuzis da Senhora Carrar*, consegue transportar um texto de 1937 para 2022. Através do épico, da apropriação de relatos de vidas pobres, vidas negras, vidas mulheres e, talvez, das próprias vidas de quem assiste transmitidas no palco do teatro, a peça consegue, de modo atual e ritmado, construir um reflexo da cruel realidade do Brasil.

Como espectadores, nos surpreende assistir uma peça tão dinâmica como esta, cujo mesmo dinamismo pode ser creditado aos "cortes" abruptos entre uma cena e outra, aos diálogos entre os atores e público e a trilha sonora realizada em cena, através de galões, garrafas e placas de metal.

fermentação natural

Os baques construídos ao longo da narrativa de maneira incessante tem, ao mesmo tempo, o poder de impactar e de sufocar o espectador e, observando que este foi um objetivo proposital do dramaturgo e dos produtores da peça, consideramos que o recurso foi muito bem concretizado. A falta do respiro para que possamos digerir o que nos foi passado faz parte da falta de respiro na realidade das personagens.

Em *Me contento em ser Poesia*, espetáculo de nossa autoria, refletimos ao longo de toda a peça: "Quanto tempo dura uma vida?". De algum modo, sentimos, como coletivo, que essa pergunta foi respondida ao assistir ao espetáculo do grupo da capital paulista. Depende. Depende de onde você mora, da sua cor, das suas oportunidades de educação, de cultura, de viver. Depende do que um policial vê na sacola de compras em que, na verdade, só se carrega um extrato de tomate, um pacote de macarrão, carne moída e duas, duas cebolas.

Os dois parágrafos a seguir, se tratam de manchetes publicadas em jornais referenciados aos finais de cada:

"Kaio era filho único, e vivia com os pais na Zona Oeste do Rio. Na sexta, 16, estava numa festa num centro de reforço escolar. Sua mãe, Thais Silva, estava com ele no local. O menino esperava numa fila para pintar o rosto quando foi atingido na cabeça por bala perdida, possivelmente de um tiroteio perto dali. Quando viu o sangue do filho no chão, Thais não conseguiu reagir, só chorar. "Não conseguia nem segurar meu filho", disse ela, segundo relatam jornais cariocas." - El País

"Jenifer, Kauan, Kauã, Kauê, Ágatha e Kethellen. Os seis nomes se juntaram em 2019 aos outros 62 que já estavam estampados em placas pretas num dos principais pontos turísticos cariocas, a Lagoa. Trata-se de todas as crianças baleadas e mortas na região metropolitana do Rio de Janeiro desde 2007." Folha, UOL, 2019.

fermentação natural

Até onde o distanciamento (recurso utilizado pelo teatro épico brechtiano), proposto pela encenação e pela dramaturgia, não pode nos aproximar?

O que é de fato distanciamento?

A barreira imaginária construída pela quarta parede, quando se quebra, nos aproxima. Mas nos aproxima de quem?

Enquanto espectadores não queremos nos aproximar do ator ou da atriz, mas sim das crianças, adolescentes e mães que em algum momento disseram: eu não posso morrer.

Na voz deles [personagens reais acima citados na reportagem], mais do que na nossa, ecoa o grito que intitula o espetáculo. No lugar de fala que assusta, podem ser evocadas essas vozes, tantas vezes silenciadas, a partir da cena, a partir da narrativa.

Narrativa que pode existir no drama, mas avança para além disso. Claro, vemos Pedro e Tereza em cena, mas quem eles são para nós, espectadores, além de personagens? Eles são a referência direta a alguém e precisamos saber quem é. Precisamos ser levados para aquele grito que não foi dado pela atriz, mas pela própria irmã de alguém que morreu nessa "guerra às drogas", que na verdade é uma guerra contra a população periférica do país.

E deixar ecoar

Deixar reverberar

Deixar que a plateia saia com a consciência de que, indiretamente, a cada segundo:

Morre um jovem

Morre uma irmã

Morre uma mãe

fermentação natural

Morre um sonho

Pra além de não poder morrer, não queremos que mais alguém morra. Precisamos que isso ecoe em nós.

Nossos mais honestos parabéns e reverências ao grupo pela iniciativa, coragem e força na escolha deste tema. Além de arte-educadores, artistas que transmitem uma realidade tão dura do nosso país de uma forma tão poderosa em cena.

Eu não posso morrer é um espetáculo que irradia a coragem e a memória de tantos que, de fato, não podiam ter morrido.

crônica do dia seguinte

MACHADO na cabeça o feitiço DE ASSIS

Murilo Henrique Delesposti

2º ano - Conservatório de Tatui

CAIXAS

LIVROS

RODA DE SAMBA

TREM

PORTA

MÚSICA

FOLHAS

ESCOLA LIVRE

PENA

CARTOMANTE

CADEIRA

BEIJO

FUMAÇA

ANEL

ENCRUZILHADA

MÃE

TECIDOS

GRADES

CÍRCULO COLORIDO

ALVO

MACHADO DE ASSIS

HISTÓRIA

crônica do dia seguinte

Da dança de todos os cânticos, lisergia;
defuma com as ervas de Joaquim Maria

andar em roda voltando no tempo
ciranda com a cabeça de Machado
trovoa no rio; silêncio não há
livros são caixas
caixas são coisas
coisas são trens
o trem da partida
cabeça rompida
café com pão café com pão café com pão
corpos de exus celebram
MACHADO! gritam

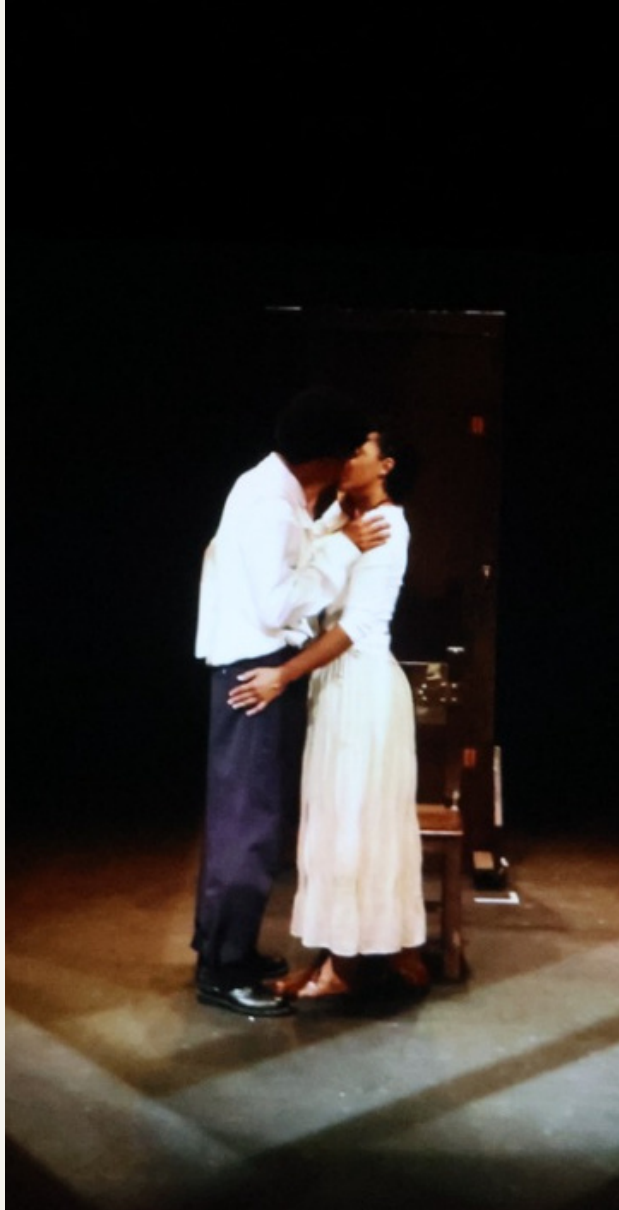
há uma encruzilhada entre os corpos

assim como as imagens trespagam uma sobre
as outras, companhia e Assis
a obliquidade de Bentinho
a candura de Capitulina
a tinta que escorre do seio que nutre
Mãe e Mulher.

da casa verde, heras explodem
o feitiço da cartomante é tecido
dois rios de um.

o encantado se retira da terra
mas seu encanto não cessa;
o último trem partiu
a caixa de Pandora abriu.

canta pra subir!



crônica do dia seguinte

Dia-ressaca-pós-apresentação

Giovanna Ueda Morales
e Larissa Garcia Alves

Companhia Adequada de Teatro
[uhtimo.epizohdio] UNICAMP

Segunda-feira, 25 de julho de 2022. A Companhia Adequada de Teatro vive seu terceiro dia no festival.

No painel de intercâmbio, abriu-se um espaço de partilha coletiva entre os quatro primeiros grupos a se apresentarem no festival com os espetáculos: *O conto de lara*, *Eu não posso morrer*, *Me contento em ser poesia* e *[uhtimo.epizohdio]*. As reflexões e questionamentos levantados durante o encontro revelaram as dimensões coletiva e individual das percepções. Afinidades e dissonâncias temáticas, problematizações acerca da linguagem, aspectos ligados à vida pública. À noite, Machado de Assis se apresenta em reflexões, cantos e poesia dentro de um formato que, embora praticamente imposto pelas condições da pandemia, revelou possibilidades de encenação certeiras e muito bem aproveitadas. O audiovisual em diálogo, potencializador do aspecto teatral. Afeto, angústia, nostalgia, emoção, amor, balanço, ternura, paciência. Territorialidade e ancestralidade. Conexões. *O Bruxo do Cosme Velho* nos conduziu a uma brilhante viagem narrativa.

ainda reverbera

episódios de poesia no 27o FETESP

Ana Laura Alvarez

Coletivo Rubra
Me contento em ser Poesia UNIFESP

Uma orquídea. Três xícaras e uma garrafa de café recém-passado. Refletores sendo inclinados para o centro do que invocaria o nosso território na 27ª edição do FETESP. Das cores das flores e o aroma gentil de café no camarim, ao calor das luzes e dos corpos que se aqueciam para receber o público no Salão Villa Lobos do Conservatório de Tatuí, a tarde do dia 24 nos recebeu com aquilo que considero mais belo na arte, um estado de abertura, de energia.

As vozes que ecoavam do lado de fora daquela sala, de certa forma, se assemelhavam às vozes ansiosas dentro de mim. "Quantas pessoas vieram?". "O que será que vão pensar?". Até que as portas se abrem e, coincidentemente, o público se abre para receber aquilo que, particularmente falando, também foi uma abertura de nós, atrizes do Coletivo Rubra.

Carinho, troca de afeto, risadas, lágrimas, sustos, alguém cantando "Sapato Velho", do Roupa Nova, e até uma correção da letra passearam pelos nossos olhos, ouvidos e corações durante aqueles 40 minutos que foram tatuados nas nossas lembranças, vivências e, principalmente, em nosso trabalho - que viaja de volta para São Paulo com desejos, objetivos e muita, muita coisa a se experimentar.

"Quanto tempo dura uma vida?". Depende. O espetáculo [*uultimo.episodio*] transmite, de forma contrastante ao nosso, uma busca semelhante: de um lado, a busca de uma casa, do outro, do que pode nos levar para casa. Em Mauá, a busca por apoios de projetos. Na UNICAMP, de

ainda reverbera

finalizações de projetos e de pesquisas. Em ambos, a procura de como sobreviver diante da mesma iminência mortífera, numa realidade atual, poética, distópica ou futurística, onde, de forma muito bonita e curiosa, fomos levados pela Cia Adequada ao ano de 2132, para discutir algo que também é atual.

Há uma realização nos dois projetos: a espera, a estreia, o alívio e a honra de estarmos vivendo o aqui e o agora.

Jogando a rede para tentar pescar o que ignoro: quem se associa a essa aventura?

Judson Cabral

O teatro comporta camadas, tempos e espacialidades.

Um festival pode ser/é a celebração dessa pluralidade. E da sua necessidade.

Nos teatros, histórias são contadas, experiências são vividas e apresentadas. Invisibilidades e disposições hierarquizadas são questionadas.

Num dos textos de Michel Foucault, ele fala do teatro como um “espaço outro [diferente]”. No retângulo da cena sucede-se, segundo ele, uma série de lugares estranhos uns em relação aos outros. Pois, no espaço do teatro, a unidade espaço-temporal evocada comporta diversas temporalidades, fracionando a ordem espacial do presente e da presença teatral. Ou seja, o espaço-outro do teatro é, para ele, um espaço heterotópico, um contraespaço que ritualiza cortes, limiares, desvios. Os localizam.

A heterotopia põe em prática uma espécie de “contestação mítica e real do espaço onde vivemos”, uma vez que elas (as heterotopias, os contraespaços - e o teatro é uma delas) estão ligadas a cortes no tempo.

ainda reverbera

A heterotopia começa a funcionar na sua potência quando os sujeitos se encontram numa espécie de ruptura com seu tempo tradicional. Nesses termos, o teatro pode vir a ser um espaço de produção de possíveis, uma vez que se configura como um lugar onde as pessoas – artista e espectadores – encontram, juntas, maneiras de pensar e refazer a vida, principalmente, ao dispor do imaginário para concentrar a atenção do público nas virtualidades ainda por serem atualizadas.

Acompanhando os espetáculos apresentados no 27º FETESP até este momento, cada um na sua forma, com seu alcance - mas também com o que tem em potência, portanto, a ser explorado - pensei acerca do que é disparado pelo pensamento de Foucault, ou seja, o teatro ser um duplo da realidade por onde tempos, formas, discursos e vivências são experienciados, sentimentos de outras existências invisibilizadas cartografadas. Quando penso na dimensão político pedagógica do festival, isso fica ainda mais instigante ao observar que o fazer teatral é um exercício intelectual coletivo, por conseguinte, um exercício de um caminhar para saberes que venham a ser descobertas do que ignoro coletivo e individualmente, abrindo-se para o novo.

Atentar para essa dimensão do teatro pode ser um exercício investigativo bem interessante. Uma vez que tudo isso leva a pensar não só sobre o tema, mas também a forma, não só o personagem, mas também a fábula, não só o virtuosismo de uma interpretação, mas ao que essa virtuosidade serve e produz.

Expediente

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Arte gráfica

Luiza Lorenzetti

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Textos

Tadeu Renato

Companhia Adequada de Teatro

Cia Paralenda

Companhia Adequada de Teatro

Coletivo Rubra

Murilo Henrique Delesposti

Companhia Adequada de Teatro

Ana Laura Alvarez

Judson Cabral

Colaboradores(as)

Arielle Barbosa [bolsista estagiária em Produção Cênica]

Camila Barbagallo

Camila Alomba

Colaborador convidado

[Organizador da seção Fermentação Natural]

Judson Cabral

Fotógrafo

João Maria

Leia também a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí

**Esta publicação foi atualizada em 26/07 às 21h31*